

## Cenas Finisseculares e Outras Cenas

Eloísa Porto Allevato Braem  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FFP

Otávio Rios  
Universidade Estadual do Amazonas

### O Dossiê “Cenas Finisseculares”

O Dossiê “Cenas Finisseculares”, do número 29 da *Revista Soletras*, conta com artigos de professores e pesquisadores que têm como objeto de estudo a literatura produzida nos dois últimos fins de século, ou no início dos séculos subsequentes, desde que ainda embebidas nas tendências próprias desses dois momentos de fronteira.

O fim do oitocentos foi marcado por uma tonalidade de “ressaca de um século de prodigiosas mutações”, na expressão de Eduardo Lourenço (1992, p. 32). Confiante nos poderes da ciência e em sua capacidade de melhorar a humanidade, o século XIX, como observou Lourenço (1992, p. 32), termina em “apoteose e desconfiança acerca da realidade cultural”, num sentimento de cansaço, frustração, decadência e desilusão. O século XX, em princípio empenhado no processo científico e tecnológico herdado do oitocentos, termina de maneira lúdica e eufórica ou anestesiado, sem pânico diante de cenas históricas pavorosas, de colapsos civilizacionais, econômicos, ideológicos, religiosos e culturais, e, diante de um mundo de diferentes linguagens culturais que se traduzem e negociam entre si, constituindo “culturas híbridas” e novas identidades. Essas experiências foram recriadas e problematizadas nas cenas literárias desses dois fins de século.

Neste dossiê, abrimos os estudos sobre as estéticas finisseculares com uma entrevista a Carlos Reis, que dedicou décadas de pesquisa à obra de escritores como Eça de Queirós e José Saramago e, dessa forma, tem contribuído para uma fortuna crítica que se debruça, de forma inequívoca, entre o fim do século XIX e o início do novo milênio.

Algo sensível à literatura *fin-de-siècle* é um cariz interartístico, como se a buscar uma comunicação sensível entre as diversas formas de arte. Sobre as trocas estéticas=entre as artes no fim do século XIX, na entrevista de Carlos Reis, podemos ler algumas considerações sobre os diálogos “intersemióticos e interartísticos” estabelecidos em obras literárias de Eça de

Queirós, tais como a ópera e a pintura. Na entrevista, o pesquisador defende que a doutrina realista de Eça foi formulada a partir do seu contato com a pintura realista, “em particular a de Courbet, ‘vista’ através da leitura de Proudhon”.

Ainda sobre os diálogos entre a literatura e outras artes, no final do século XIX, Simone Maria Ruthner e Carlinda Fragate Prate Nuñez, no artigo “Trio em lá menor e a Vontade em si – Machado de Assis e a metafísica da música”, estabelecem alguns diálogos entre a estética musical da época, a filosofia de Schopenhauer – que considera a música como essência do mundo – e o conto “Trio em lá menor” (1896), do escritor brasileiro, que as estudiosas classificam como narrativa metamusical.

Acerca da obra de Machado de Assis, o artigo de Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba, “Mutações recepcionais da estética machadiana: teoria do efeito e realismo na leitura de *O Alienista*”, conto de 1882, demonstra como o discurso literário é construído por uma linguagem que reorganiza as regras norteadoras das ações entre os sujeitos na sociedade. A partir da Teoria do efeito estético, de Wolfgang Iser (1978), a ensaísta caracteriza a literatura e descreve o processo de interação do leitor com a obra, examinando as estratégias artísticas do discurso ficcional, indagando o conceito de realismo e problematizando “os vazios de um enredo que convoca o leitor a refletir sobre heterogeneidades éticas, políticas e teológicas”.

João Tavares Bastos, no artigo “O longo voo da ironia: de Sócrates a Baudelaire”, estuda a posição marginal, “oposta à positividade instituída” e como a ironia é usada em favor da preservação da liberdade individual, muitas vezes, produzindo “novas facetas do belo” na segunda metade do século XIX.

Estabelecendo diálogos entre Brasil e o Portugal decadentista, no artigo “Relendo Bilac com Junqueiro: a Vida após o Éden!”, Milton Francisco mostra como o anticlericalismo e a dessacralização de figuras bíblicas na obra de escritores finisseculares portugueses, como Guerra Junqueiro, já notados em Eça de Queirós e em outros artistas do século XIX, vai ressoar na produção literária de escritores brasileiros, como Olavo Bilac.

Encontramos no artigo “Angélica, rosa e fogo: Afrânio Peixoto em cena literária finissecular”, de Armando Gens, abordagem e debate a respeito das imagens finisseculares de decadência, que desafiam o academicismo vigente, as tradições e os valores burgueses, através de “deslocamentos, atitudes extremadas, indumentárias excêntricas, ações paradoxais,

experimentos poéticos, artefatos industriais, *performances*, para fazer valer a conhecida fórmula – *épater les bourgeois* – comumente atribuída a Charles Baudelaire”.

Nesses comportamentos e nas propostas dos artistas de muitas vanguardas modernas, notamos uma busca de estetização da vida cotidiana e dos objetos de usos mais variados.

A partir desses experimentos, comportamentos e atitudes desviantes, por vezes conformativas, mas outras vezes disruptivas da heteronormatividade, Raimundo Expedito dos Santos Sousa vai abordar alguns “Impactos da homocultura finissecular na formação literária de William Butler Yeats”, cuja obra se produz entre o “imperativo de se enquadrar nos ditames da heteronormatividade e a simpatia pela homocultura do *fin de siècle*”.

Sobre a transformação do romance tradicional em romance moderno, na virada do século XIX para o XX, temos o artigo “Desamparados por Deus: a Modernidade em *Um, nenhum e cem mil*” no qual Felipe Vigneron Azevedo avalia “experimentos visuais” no romance de Luigi Pirandello e uma nova concepção de homem, que “se sente abandonado por Deus, individualizado e apartado da natureza, responsável inteiramente pelas vicissitudes, o que lhe causa uma sensação de potência, inicialmente, e de desamparo, posteriormente”.

Eloísa Porto Allevato Braem, intitulado “Sobre dois entardeceres: o fim do século XIX e o fim do milênio”, a partir dos estudos de historiadores como Eduardo Lourenço, Chartier, Pesavento, Vecchi e Leenhardt, sintetiza traços do contexto histórico dos dois últimos fins de século, comentando algumas marcas culturais e literárias deles derivadas e estabelecendo, por fim, algumas semelhanças e distinções entre esses dois momentos de fronteira.

Em obras de Beckett, encontramos algumas problematizações sobre o isolamento e a solidão do sujeito, a repetição do cotidiano, a angústia diante da passagem do tempo, a busca de fixação dos momentos e o adiamento da morte, que ceifa as experiências vividas pelo sujeito. Tudo isso sempre é marcado pelo movimento pendular do cavalinho e da cadeira de balanço, como mostra José Guimarães Caminha, no artigo “Um jogo de vai-e-vem entre Benjamin e Beckett”, no qual aborda a maneira como a criança e o idoso experimentam, no movimento pendular do brinquedo e da cadeira, no ir e vir, um jogo de dimensões espaciais e temporais. A partir das obras *Film* (1963) e *Rockaby* (1981), de Beckett, o pesquisador mostra como o cavalo de brinquedo estimula a imaginação e simula as relações de produção e trabalho, bem como a cadeira de balanço embala repetidas digressões, lembranças e memórias. Assim, brinquedo e utilitário têm seus valores de uso profanados e reconfigurados tanto na brincadeira infantil quanto no jogo teatral, pois conduzem a um lugar

de passagem, encruzilhada temporal em que o futuro sonhado e o passado rememorado aparecem de forma intempestiva. Com a repetição dos gestos (do passado e do outro) e o prolongamento do outrora, os personagens de Beckett (re) montam a vida e adiam o fim da partida.

Através dessa última obra de Beckett, da segunda metade do século XX, percebemos como se estreitam cada vez mais as relações entre as narrativas verbais e não-verbais, literárias e midiáticas no século XX, de forma que, muitas vezes, como lembra Carlos Reis na sua entrevista ora publicada, estas últimas “incorporam procedimentos narrativos que o romance oitocentista engendrou e o novecentista transformou”. Em todos os casos, “a questão da personagem é central” segundo Reis, tanto nessa obra de Beckett, que problematiza as relações entre tempo-espço e personagem, como também será central a questão do personagem mesmo em obras cuja preocupação maior é a “de alimentar o mercado e a sua (do artista) própria imagem, mais do que ter coisas novas a dizer”.

Fechando nosso dossiê sobre Cenas Finisseculares, temos artigo de Rafael Santana, intitulado “O duplo, a dança e a queda em dois inícios de século”. A partir da acepção barthesiana de que “a literatura – espaço plural no qual convergem muitas linguagens – é uma ‘Babel feliz’”, o pesquisador aborda as figurações do duplo, da dança e da queda na obra cinematográfica do início do século XXI, *O cisne negro* (2010), de Darren Aronofsky, e no conto *Asas* (1914) de Mário de Sá-Carneiro. Para o pesquisador, as duas obras em cotejo são ainda representativas dos discursos finissecular e moderno, do “mergulho no abismo em Baudelaire, da descida ao inferno em Rimbaud e na abismal experiência de um naufrágio em Mallarmé”. Assim, o autor demonstra como a “obsessão finissecular da coincidência do alcance da perfeição com o momento da necessária autoconsumição do artista” ressurgiu no princípio do século XXI, “tempo herdeiro de dois fins de século”.

### **Outras cenas: próximas seções, novos desafios do número 29, da revista *Soletras***

Neste número da revista *Soletras*, além dos artigos sobre o fim de século XIX e o fim do milênio, no dossiê Cenas Finisseculares, inclui também outras seções, como a dedicada a outros “Estudos Literários”, em que encontramos o artigo “A retórica no teatro camoniano”, de autoria de Nina Barbieri Pacheco, analisando os recursos retóricos utilizados por Camões na peça de teatro *O Auto dos Enfatições*. Ainda na mesma na seção de Estudos Literários,

temos um artigo de Victor Hugo Adler Pereira, intitulado “É a terra que querias ver dividida: a questão fundiária na literatura brasileira”, que aborda o modelo de posse da propriedade no Brasil, as desigualdades sociais, o êxodo rural, a carência de habitações dignas para a classe trabalhadora, o desemprego e a violência nas cidades. Essas problemáticas são avaliadas a partir dos romances de José Lins do Rego, *O moleque Ricardo* (1935), relacionado aos de outros autores da geração de 1930, e o diário de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo* (1960), em paralelo com dois romances da primeira década do século XXI, da escritora Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006). Estes últimos romances, segundo o ensaísta, refletem as repercussões atuais do modelo de modernização excludente em vigor no Brasil.

Na seção “Estudos Linguísticos”, o leitor pode encontrar o artigo “Mudança no estatuto morfológico de formativos: evidência de um *continuum* composição-derivação”, de Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, no qual demonstra que a mudança morfológica é um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, uma vez que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, revelando que, diacronicamente, itens morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original. No artigo, são apresentados os chamados radicais neoclássicos – sobretudo os encontrados na segunda posição, a exemplo de -logo, -lata, -grafo, -metro e -dromo – os quais vêm formando séries de palavras e se comportando como sufixos no português contemporâneo (pelo menos na variedade brasileira).

Encerrando a seção de “Estudos Linguísticos”, encontramos o artigo “O uso de *corpus* na aprendizagem da linguagem empresarial: o desenho de uma tarefa”, de Cristiane Magalhães Bissaco que, baseada na teoria da Linguística de *Corpus*, sugere ser possível desenvolver atividades para o ensino de línguas que contribuam para a participação ativa e consciente da construção do conhecimento do educando, explorando padrões de linguagem em textos autênticos. Dentre 510 artigos publicados em língua espanhola em dois jornais disponíveis *on-line*, a autora seleciona palavras de conteúdo, como *hecho*, que está presente no *corpus* com 94 ocorrências. Após isso, são geradas as linhas de concordância da palavra escolhida, para perceber seus padrões de uso, fatos que levam a pesquisadora a concluir que a palavra apresenta padrões diferentes que implicam diferentes significações.

Na última seção da revista, dedicada ao Ensino, temos o artigo “As atitudes de leitura do projeto Surprenda-me: Para uma didática da intermedialidade nas aulas de literatura”, de Leonardo Barros Medeiros, que propõe uma breve análise dos produtos realizados por três

alunos de uma escola pública da baixada fluminense, para divulgar uma proposta de atividade que prioriza a produção de conhecimento discente atrelada às mídias. Dentro desta perspectiva, o *Projeto Surpreenda-me* torna os alunos os principais agentes de produção de saberes, de forma atraente e dinâmica, proporcionando novas formas de conceber o texto literário, na interação com outras mídias e suportes textuais, como forma de reapropriação e ressignificação de conteúdos.

Por fim, encerrando a seção Ensino e encerrando o número 29 da revista *Soletras*, temos o artigo “Sobre a formação de professores: o que dizem os alunos em memoriais de formação”, de Adriane Teresinha Sartori, investigando o que dizem discentes sobre seu curso de graduação. Na análise dos enunciados avaliativos de trinta memoriais de formação, produzidos em um curso de graduação coordenado pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), em parceria com as prefeituras da região metropolitana de Campinas, no Estado de São Paulo, a autora aborda avanços e dificuldades no ensino superior, bem como identifica problemas e sugestões que podem servir de subsídio aos formadores interessados em construir alternativas para o processo formativo profissional. Metodologicamente, caracteriza-se a esfera de produção e circulação dos discursos e do próprio gênero em questão, para se compreender a utilização das formas da língua (BAKHTIN, 1986). A pesquisadora conclui, em linhas gerais, que a apreciação dos alunos sobre a formação recebida é positiva, principalmente pelo fato de o curso apresentar o desconhecido aos participantes, que, entretanto, destacam o quanto à desarticulação entre teoria e prática pode dificultar um processo formativo mais eficiente. Este último dado, para a autora, constitui-se em importante contribuição para se repensar e reestruturar o processo de formação de professores.

Assim, concluímos esse trabalho sobre cenas finisseculares e outras cenas, agradecendo à Comissão Editorial, aos Conselhos Consultivos Interno e Externo, assessores, revisores e, principalmente, aos pesquisadores que enviaram seus textos para o número 29 da revista *Soletras*. Estamos certos de que esses pesquisadores e a equipe técnica que lhes deu suporte muito contribuíram para que mais uma vez fosse cumprida a missão intelectual e educacional da Revista *Soletras*, de respeito à pesquisa e popularização da diversidade de pensamento.

Enfim, desejamos que esses estudos sobre o fim do século XIX e o fim do milênio, que ora publicamos, possam originar novas inquietações, novas pesquisas e novas publicações sobre as artes produzidas nesses dois momentos de fronteira.